



## PERGUNTA E RESPOSTAS

Marcos Pasche<sup>1</sup>

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

*Por que estudar literatura?*, de Vincent Jouve, pode ser entendido como oportuna introdução *ao estudo de e ao trabalho com literatura*, visto que, ao longo de seus seis capítulos (descontados o prefácio e a conclusão), o livro aborda seu objeto a partir de três esferas: a teórica, a crítica e a didática. No âmbito da primeira, Jouve – professor de Literatura Francesa na Universidade de Reims Champagne-Ardenne – evoca as questões referentes à existência e à definição da arte, pelo que passa a pensar categorias e conceitos próprios do campo dos estudos literários, como *forma, conteúdo, emoção e valor* (2012, p.12). O viés crítico da obra é composto por sete interlúdios, dispostos como complementos exemplificadores daquilo que cada capítulo explora especificamente, nos quais Jouve analisa fragmentos de obras literárias, tais como *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, e “O colar”, de Guy de Maupassant, dentre outras. Cada capítulo comporta um interlúdio, excetuando o último, que conta com dois. A parte didática do estudo se concentra fundamentalmente na sessão derradeira – “Ensinar literatura” –, e nela se defende, em linhas gerais, uma interpretação literária situada no ponto de equilíbrio entre o que a obra diz e o que o leitor ouve nela:

Um indivíduo não é apenas um ser biológico, um “animal político”, ou um sujeito cultural; mas ninguém se admirará de que um biólogo o analise em termos biológicos, um politólogo, em termos políticos, ou um historiador, em termos históricos. O mesmo acontece quando o objeto de estudo é um texto. O caráter necessariamente circunscrito de toda análise tem, por sinal, um sentido positivo: no quadro de um sistema de referência, um texto diz perfeitamente aquilo que ele diz (isso porque cada “leitura” ou “interpretação” de um texto é muito mais luminosa do que o texto em si mesmo). Não se poderia, é claro, deduzir daí que todas as leituras são legítimas. Se é verdade que o comentador não tem outra escolha, exceto “trinchar” no interior do texto uma forma que lhe pareça significativa, esse resto não deixa de ser devedor da realidade factual da obra (ibidem, pp. 148-9).

Por esse conjuntar de vieses aparentemente estanques dos estudos literários, Jouve imprime em seu livro um fator de grande interesse, pois, considerando o estado de coisas intelectuais na era

---

1 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. E-mail para contato: [marcos.pasche@bol.com.br](mailto:marcos.pasche@bol.com.br).

da especialização – a nossa era –, o comum é que ensaios e teses se dediquem exclusivamente ou à rinação conceitual, ou ao enfrentamento direto das obras, ou à proposição de métodos procedentes para a apresentação de textos no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, na força do livro também reside sua fraqueza, pois a tripla face do estudo impede justamente que ele tenha uma cara substantiva, e aí a fuga do estrito aproxima-se do generalista. O trabalho, que traz em seu título uma questão centrada no *estudo* de literatura (e aqui estamos num periódico que toma tal estudo como objeto central), reserva apenas uma pequena parte de sua extensão (algo em torno de vinte por cento de um número aproximado de cento e sessenta páginas) para pensar a literatura em termos de apreciação institucionalizada. Para falar com o raciocínio do próprio Vincent Jouve, porém transportando-o da interpretação literária para a elaboração ensaística, um pensador do ensino de literatura não enxerga (ou, ao menos, espera-se que não enxergue) a arte literária apenas como objeto de uma atividade-fim, tornada pragmática pelas determinações de programas curriculares e ementas disciplinares. Nesses termos, *pensar o ensino de literatura* é, antes e centralmente, *pensar a literatura*, pelo que um rígido recorte de observação pode significar, num ensaio, algo como isolar a literatura na sala de aula. Mas isso não denota que toda ausência ou mitigação de recorte levará necessariamente à amplitude, e por essa razão o alcance do estudo de Vincent Jouve está aquém do que se pode esperar da leitura de sua face teórica, mais bem trabalhada do que as outras duas (crítica e didática).

Entretanto, não há aí razão para o desabono da obra. Muito pelo contrário. O recente trabalho do autor de *A leitura* ingressa numa discussão das mais relevantes para o campo dos estudos literários atualmente, que é a consideração da literatura como linguagem específica diante da propagação dos estudos culturais, que tendem a vê-la como palha no palheiro. Estes estudos, em linhas genéricas, questionam o estatuto do cânone e o que entendem como estreitezias da literariedade, e por consequência preconizam o apagamento de circunscrições vistas como elitistas e excludentes. Por essa perspectiva, o termo *literatura* se abrange e democratiza, abarcando escritos que forneçam indícios de uma *cultura*, independentemente da forma de veiculação e do tipo de linguagem. A revisão de termos estabelecidos, via de regra naturalizados como *coisas que assim são porque assim sempre foram*, é inegavelmente relevante, e sua efetivação denota movimento e contribui para a emergência de novas vozes e visões em torno da história e da arte. Mas aí habita uma contradição estrutural, que chega mesmo a ser uma traição *ao* ou *do* pressuposto: o culturalismo, que fala em nome do digno reconhecimento de identidades, termina por contribuir para a extinção de uma delas – a identidade literária. Com isso, suas reivindicações de inclusão podem, ainda que involuntariamente, somar-se a estratégias mercadológicas que, em nome do enxugamento de gastos e da inconfessada e incessante busca por lucros, são estruturalmente excludentes. Daí as notícias, cada vez mais correntes, de que dentro e fora do Brasil disciplinas e cursos de literatura têm sido reduzidos a cursos de matiz culturalista. Se couber aqui uma nota pessoal – inserida para relatar algo de ordem institucional –, o Curso de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, do qual este resenhista é coordenador, fundado em 2009, nunca teve a cadeira de Literaturas Africanas (de Língua Portuguesa) preenchida por um professor efetivo (a vaga – unitária – é sempre ocupada por professores substitutos), e a explicação dada pela Universidade é que ao Curso é oferecida a disciplina Educação e Relações Étnico-Raciais na Escola. Ora, a agenda contemporânea demonstra ser imprescindível que a

pauta da etnia seja levada às escolas, e, noutro lado, o estudo das literaturas africanas aqui referidas liga-se diretamente à ideia de observar a história pela cosmovisão dos vencidos. Por uma questão de lógica, há aí mais convergência do que incompatibilidade, e também logicamente há aí *diferenças* (para seguir a pauta contemporânea), há para as disciplinas escopos distintos, que requerem debates próprios. Mas foi estabelecido que uma pode substituir a outra, porque, em tese, fala o mesmo – e fala melhor – que a outra. Ao que tudo indica, os escritores africanos serão silenciados novamente... Diante disso, Vincent Jouve realiza uma pertinente problematização, evocando o ponto de vista de acordo com o qual a literatura é traço indistinto de um sistema cultural que o extrapola e dilui – “Seria lógico, portanto, dissolver os estudos literários dentro dos estudos culturais” (ibidem, p. 9). O autor também traz às suas ponderações uma perspectiva algo funcionalista, só aparentemente caída em desuso (salas de aula das esferas fundamental e média o comprovam), segundo a qual, no âmbito dos estudos, a literatura é mero apêndice dos estudos de língua e linguística, figurando em meio a elas como ilustre coadjuvante:

Mas o objeto central dos estudos literários não é o conhecimento da linguagem? Sem dúvida, as obras literárias são, antes de tudo, *textos*. Mas a linguagem não se limita à literatura. Embora frequentemente seja mais agradável estudar a literatura, ela dá provas de um funcionamento particular, que não cobre a totalidade do campo da linguagem. A análise das obras literárias precisa, assim, ser completada pelo exame de outros fatos linguísticos, que remetem mais explicitamente a certos mecanismos de linguagem. Nessa perspectiva, os estudos literários deveriam se fundir na linguística. Artefato cultural e fato de linguagem entre outros, em que o texto literário justifica uma abordagem específica?

A hipótese deste ensaio é que não se pode refletir sobre o interesse e o valor de uma obra literária sem levar em conta seu estatuto de *objeto de arte* (ibidem, pp. 9-10)

Logo se vê que o estudo literário passa necessariamente por saberes e noções de outras áreas, tais como a Linguística, a História, a Sociologia, a Filosofia etc. Isso não significa, obviamente, que a Literatura não tenha um modo autônomo e específico de tratar de si e das coisas do mundo. Sua extensão a outras disciplinas resulta justamente da complexidade inerente ao seu discurso, dotado de capacidade de emitir uma visão do real extremamente particular. Que problema de uma determinada coletividade foi revelado como em *Édipo Rei*, de Sófocles? Que consórcio do sublime e do grotesco se exprimiu como em “Uma carniça”, de Charles Baudelaire? Que retrato da secura do Nordeste brasileiro se formulou como em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos? Esses textos trazem à tona questões filosóficas, psicológicas, sociológicas, antropológicas, todas elas instauradas por um discurso transfigurador do discurso usual e a partir de um complexo de perspectivas recusador da univocidade. São incontáveis os outros exemplos que permitem dizer que a literatura definitivamente não é mero artefato cultural ou simples fato de linguagem. Acerca disso, Jouve afirma que “Uma obra não é apenas *suscetível* a várias interpretações: ela *contém* efetivamente os diversos saberes que ali se desvelam” (ibidem, p. 87), e desdobra sua afirmação asseverando o papel a ser cumprido pelos estudos literários:

O valor de um texto, portanto, deve ser buscado naquilo que ele exprime. No entanto, é real o risco que, com o tempo, a percepção do sentido se torne cada vez mais difícil: se a força da obra está em nos por em contato com um saber não conceitualizado, ela só pode fazer isso em relação com os hábitos mentais de uma época. É aqui que aparece o papel imprescindível dos estudos literários. Eles têm por finalidade transpor um duplo desafio: identificar conteúdos expressos de maneira indireta ou oblíqua; trazer as informações (estéticas, culturais, históricas) que permitem devolver a uma metáfora

morta o pode de uma metáfora viva (ibidem, p. 132).

Chegamos, então, à pergunta-motivo da obra em análise: por que estudar literatura? Pode parecer óbvio responder, primeiramente, “por diversas razões”, sendo tais razões também óbvias. Afinal, mesmo o senso comum, diante da questão, talvez dissesse algo como “para que se fique mais culto”, “para que se progrida na vida”. Dificilmente um especialista daria resposta diferente em seus fundamentos, pois o estudo de literatura de fato garante ao estudioso de conhecimento amplo, dando a ele referências que uma coletividade reconhece como importantes. E na medida em que o estudioso se encontra nas camadas sociais historicamente afastadas da leitura e do poder econômico, o estudo de literatura pode contribuir decisivamente para o progresso social dos indivíduos – conforme atualmente ocorre a inúmeros estudantes de Letras, conforme no passado ocorreu a Machado de Assis.

Mas o conhecimento científico existe para destoar do senso comum, ainda que com ele encontre pontos de convergência, e ainda que tais pontos sejam tomados para um desdobramento radical. Vincent Jouve lista cinco motivos para responder àquilo que ele mesmo formula. Estuda-se literatura, primeiramente, porque ela enriquece nossa existência, e, por aguçar a sensibilidade que faz desejar um estado de coisas digno e dignificante, faz-nos lembrar de que as coisas poderiam ser diferentes de como são (ibidem, p. 163). Em segundo lugar, os estudos de literatura formulam ou consolidam o espírito crítico (idem, ibidem), que nos livra da ignorância e afasta da condição existencial de massa de manobra, disponível e vulnerável aos apelos das elites políticas e econômicas. O terceiro motivo listado por Jouve é específico, e de acordo com ele estudar literatura é reforçar a capacidade de análise de um texto e de reflexão a partir de um texto (ibidem, p. 164), pois sendo a linguagem literária uma linguagem geralmente avessa à coesão e à coerência ordinárias, quem dela se ocupa deverá desenvolver uma capacidade de leitura que requer observação detalhada e abertura à construção de sentidos. Na lista, o quarto fator consequente dos estudos literários é o favorecimento à liberdade de juízo (idem, ibidem), livrando-o da escolha programática e pragmática, que, por ser programática e pragmática, reduz-se – ou se desfigura – como escolha. O quinto e último item apontado por último item apontado por Vincent Jouve é a possibilidade de a leitura de literatura propiciar uma visão do porvir (ibidem, p. 165). Não se trata de tentativa de falar em tom profético, e sim de uma capacidade de antecipar-se – ou de fundar – uma determinada percepção da realidade que posteriormente se sistematiza. Hoje, por exemplo, as reivindicações de respeito ao que escapa a certos padrões são tão fortes que se tornaram políticas públicas, e era justamente disso que os vanguardistas falavam cem anos atrás quando expunham em suas telas e poemas prostitutas, capoeiristas e favelados. E como sexto motivo, permito-me dizer que se deve estudar literatura porque ela, ao nos apresentar a realidade de modo complexo, indireta e densamente nos diz que é empobrecedor apreendê-la de modo simplista, o que se aplica aos conflitos entre o novo e o antigo, aos mútuos despreços entre o científico e o intuitivo e às segregações entre os estudos de cultura e de literatura.